



Editorial

Tradução da Bíblia: teorias, ferramentas, limites e perspectivas

Além dos desafios inerentes a todo processo de tradução, relacionados a um competente conhecimento do campo gramatical, semântico e cultural tanto da língua de origem como da língua do destino da tradução, a tradução bíblica acrescenta um conjunto de complicadores advindos das peculiaridades que fazem da Bíblia um livro diferente de todos os outros livros.

Por conta dessas idiossincrasias, até mesmo as questões de gramática e de semântica tornam-se mais complexas. Ainda, no caso da Bíblia, deve-se considerar o fato de que não possuímos nenhum texto original, de nenhum dos livros. E as milhares de cópias, ou fragmentos de cópias antigas, que chegaram até nós, quando comparadas umas às outras apresentam muitas variantes. Essas variantes, introduzidas de forma involuntária ou por atos voluntários, vão desde leves modificações até mudanças altamente significativas. Assim, não só a exegese de um texto bíblico mas muitas vezes também a tarefa da tradução exigem primeiramente definição, construção ou reconstrução do texto que testemunharia de modo mais fiel o texto original (as edições críticas são fruto desse trabalho). Fundamental também é procurar conhecer os contextos históricos em que os textos foram elaborados. Todos esses fatores têm fortes implicações na escolha do tipo de tradução que se fará, mais formal, mais literal,

de equivalência dinâmica ou outra, e, claro, também no trabalho mesmo de traduzir.

Todas essas características justificam uma abordagem específica da tradução e da exegese bíblica no campo acadêmico. Abordagem que, especialmente no campo da tradução, infelizmente ainda é muito rara, apesar de termos várias dezenas de traduções da Bíblia no Brasil.

O processo de tradução da Bíblia é atualmente também impactado pelas recentes mudanças na forma de realizar os estudos arqueológicos no mundo da Bíblia. Estes acarretam muitas transformações no modo de compreender a história de Israel, a história da Bíblia e a história de muitas de suas teologias e instituições.

A nova maneira de conceber a história de Israel nos desafia a reler quase tudo o que se pensava saber sobre as teologias do antigo Israel e suas instituições. O quadro agora é muito menos linear e mais complexo do que era até agora imaginado, mas, ao mesmo tempo, acredita-se, mais próximo da vida real, menos mitificado, menos idealizado.

Consequências especialmente desafiantes se dão no campo da compreensão do desenvolvimento da religião e das teologias de Israel. Urge reconfigurar nosso modo de compreender a religião de Israel, considerando um complexo percurso que vai do politeísmo, com uma grande diversidade de Deuses e Deusas, locais de culto, famílias sacerdotais, liturgias, imagens etc., para um monoteísmo anicônico e centralizado em Jerusalém como único local de culto, controlada por uma família sacerdotal e com um código litúrgico único.

Apesar de todos esses desafios e da importância da Tradução da Bíblia, ainda é muito pequena e escassa a reflexão acadêmica nessa área no Brasil, mesmo que se tenha uma já uma considerável caminhada no que se refere à tradução e à exegese da Bíblia realizada entre nós.

Com alegria e esperança, apresentamos este segundo número da Revista *Pistis & Praxis*, do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-PR, com um dossiê dedicado ao tema da Tradução da Bíblia. O primeiro foi publicado em 2016 (vol. 8, n. 1).

Naquela oportunidade, apresentamos como nossos objetivos, que seguem sendo os mesmos, e por isso os retomamos aqui: 1. Estimular o intercâmbio e a discussão acadêmica sobre a tradução da Bíblia; 2. Refletir sobre os desafios apresentados aos tradutores e tradutoras da Bíblia pelas novas configurações da história de Israel e da história da redação da Bíblia, especialmente a partir das novas proposições vindas da arqueologia nas últimas décadas; 3. Evidenciar a complexidade intercultural e inter-religiosa da exegese e da tradução da Bíblia e discutir concepções teológico-doutrinárias colonialistas, preconceituosas, intolerantes e violentas, e outros problemas encontrados em algumas das traduções existentes; e 4. Analisar as ferramentas impressas e eletrônicas utilizadas nesses trabalhos; como dicionários e léxicos de línguas bíblicas etc.

Desse modo, seguimos buscando contribuir para uma melhor qualificação dos trabalhos de tradução e de exegese bíblica realizados no Brasil, bem como ir estimulando o acúmulo de práticas e saberes para que alcancemos maior inserção e participação da tradução e da exegese brasileiras na produção internacional de conhecimentos nesta área. Agradecidos às pessoas que contribuíram com seus escritos para encorpar este dossiê, é nossa esperança que os leitores e as leitoras se juntem à tarefa de pensar a tradução bíblica com o intuito de compreendermos melhor as traduções que já temos, seus defeitos e suas virtudes, para que as próximas sejam melhores e transmitam de forma mais compreensível, mesmo que as vezes desafiando compreensões ou traduções, o que realmente está escrito em nossas “Escrituras Sagradas”. Segue-se então uma breve apresentação dos artigos que compõem este dossiê.

Suzana Chwartz e Lucas Merlo Nascimento num instigante artigo, *Traduzindo Babel: teoria e recuperação tradutológica de textos da Bíblia Hebraica - um estudo de caso em Gênesis 11,1-9*, apresentam uma proposta de tradução do texto bíblico de Gênesis 11,1-9, por meio da qual se possa recuperar no texto-língua-cultura de chegada algumas características e experiência do texto original, pertencente a uma língua e cultura bastante diferentes, respeitando tais diferenças pelo estranhamento. A partir de alguns teóricos, ressaltam a necessidade de uma certa liberdade poética para conseguir uma maior aproximação com o texto literário original.

Não andeis ansiosos: análise exegética, psicológica e pastoral sobre as possibilidades de tradução do verbo grego μεριμνάω (merimnaō) na perícope Mt 6.25-34, de Amós Silva Jubim, Magno Lessa do Espírito Santo e Paulo Jonas dos Santos Júnior, propõe a uma análise exegética, psicológica e pastoral sobre as possibilidades de tradução do verbo μεριμνάω (merimnaō) na perícope Mt. 6.25-34 e chegam à conclusão de que a tradução “ansiedade” pode ocasionar interpretações imprecisas do sermão de Jesus. Para os autores, o conceito contemporâneo de ansiedade possui uma raiz etimológica e histórica que não coincide com o termo utilizado na perícope mateana, sendo preferíveis traduções que adotem “preocupação”, “inquietação” e “cuidado”.

No artigo *Perspectivas ideológicas nas traduções de Romanos 1.1-7 das edições das Bíblias em língua portuguesa: um exercício crítico*, Paulo Roberto Rocha e Francisco Benedito Leite realizam um exercício de comparação entre as traduções de Romanos 1.1-7 em dez edições da Bíblia em língua portuguesa, em que procuram ressaltar a ideologia e a intencionalidade nas perspectivas das opções de tradução feitas nas diversas Bíblias.

Leonardo Agostini Fernandes, em *Rm 10,5-15: tradução e impacto retórico*, propõe uma tradução segmentada de Rm 10,5-15 a partir do grego koiné com o qual foi escrito seguida de uma análise sintático-gramatical, buscando verificar a lógica interna da terminologia empregada na elaboração das proposições, permitindo que a tradução seja a mais condizente possível com o sentido original. Além disso, o artigo submete o texto em questão, do ponto de vista metodológico, à análise retórica greco-latina e semítica, pois em Rm 10,5-15 existem várias citações e alusões a textos veterotestamentários.

Adriani Milli Rodrigues e Leonardo Godinho Nunes investigam uma questão intrigante em Hebreus. O artigo *Ἄγιος como santuário na Epístola aos Hebreus: uma análise de traduções em português no Brasil* objetiva analisar as traduções de Ἄγιος, no campo semântico específico de santuário, para a língua portuguesa em versões bíblicas da Epístola de Hebreus no Brasil. Em um primeiro momento, comparam-se as traduções de Ἄγιος para santuário em Hebreus realizadas por influentes versões bíblicas no Brasil e a seguir apresenta-se uma breve investigação exegética do significado de Ἄγιος como santuário em Hebreus para uma avaliação geral de sua tradução na epístola.

Cláudio Vianney Malzoni e Rita Maria Gomes analisam *A expressão chōrís hamartías na carta aos Hebreus*. O autor e autora consideram as principais traduções dessa expressão e quais os critérios que os tradutores precisam seguir na hora de traduzir chōrís hamartías. Com esse percurso, conclui-se que a tradução mais significativa do que pretende o autor de Hebreus é “sem, contudo, pecar”.

Os Terafim Bíblicos: Ancestrais Divinizados no Antigo Israel e em Uma Lulik, Timor, oferece uma importante e desafiadora comparação entre a religião doméstica do antigo Israel e o culto aos ancestrais timorense. Os autores Luiz José Dietrich, Antonio Quenser do Carmo e Luiz Alexandre Solano Rossi

apresentam os *Terafim* como os ancestrais divinizados e cultuados em cada linhagem familiar de Israel e, na religião doméstica timorense, onde *Uma Lulik* é o local em que se dá a presença das divindades, dos antepassados sacralizados. O reconhecimento do culto aos ancestrais como ponto comum pode facilitar o encontro, o diálogo e o respeito entre as práticas religiosas timorenses e cristãs.

Angela Natel e Claudia Mayer, em *O Yahweh estrangeiro e o Yahweh ciumento: duas Divindades a partir dos textos antigos*, propõem demonstrar, da Bíblica Hebraica, como Yahweh era percebido na antiguidade por diversos grupos do Sudoeste Asiático, antes da instituição da monolatria na Judá pós-exílica. Busca-se, assim, contribuir com os esforços para a desconstrução de leituras assimilacionistas que transferem características de diferentes Deuses e Deusas à figura de Yahweh na instituição da monolatria.

O hebraísta Edson de Faria Francisco em *A Importância e a Utilidade das Anotações Massoréticas para a Tradução da Bíblia Hebraica*, procura ampliar o conhecimento referente à *massorá*, como uma das ferramentas fundamentais para a tradução da Bíblia Hebraica. A tradução da Bíblia Hebraica requer o conhecimento profundo e amplo da gramática do hebraico bíblico por parte de qualquer tradutor. Além do saber gramatical, é necessário, ter noção, mesmo que elementar, a respeito da acentuação massorética. A habilidade de trabalhar com a crítica textual é, igualmente, relevante para se produzir uma tradução séria do texto bíblico hebraico. Além de tais saberes, a decodificação e interpretação das anotações massoréticas (*a massorá*), tanto as da *masora parva* quanto as da *masora magna*, auxiliam-nos no entendimento correto do texto original hebraico da Bíblia e na solução de situações de tradução complexa.

“*Segundo as Escrituras*”: *a Septuaginta como tradução hermenêutica e sua recepção no Novo Testamento* é o artigo apresenta por Marcelo da Silva Carneiro. Segundo o autor, o estudo da Septuaginta tem demonstrado como essa versão

do texto hebraico tem indícios de motivação teológica e ação hermenêutica, no sentido de uma atualização do texto em relação ao original. Essa tradução hermenêutica motivada teologicamente influenciou em vários momentos os autores do Novo Testamento, que usaram amplamente a Septuaginta. Dessa forma, o artigo procura demonstrar esses aspectos, indicando com exemplos como isso se deu, tanto na forma como o texto hebraico foi vertido para o grego, quanto no uso que os autores do Novo Testamento fizeram dessa tradução.

Em *A tradução dos semitismos dos Evangelhos na Bíblias laicas*, Francisco Leite se propõe a analisar as traduções dos semitismos nas chamadas bíblias laicas. Para realizar esse objetivo, ele apresenta brevemente as duas traduções da bíblia laica em língua portuguesa e em seguida discute o significado do semitismo nos Evangelhos. Por fim, o autor faz uma análise de como os semitismos dos Evangelhos foram traduzidos para o português nas duas bíblias laicas que foram selecionadas.

E, na sequência, apresentamos os artigos do fluxo contínuo de recebimentos para completarem este número da Pistis.

As cinco irmãs que conquistaram o direito de herança da propriedade no Antigo Testamento (Nm 27,1-11), de Joel Antonio Ferreira, ressalta que a memória oral feminina nunca se esqueceu de um momento deslumbrante acontecido nos tempos da experiência do deserto, ou seja, que as cinco filhas de Salfaad exigiram de Moisés e das autoridades a herança (*naḥalah*) de propriedade (*'ahutzah*) (Nm 27,4). Tratava-se de um direito que só pertencia aos homens, assim como era o princípio da sucessão patrilinear, que privilegiava somente os homens (Dt 21,15-17). Consultando a Deus, que disse que as filhas de Salfaad tinham razão, Moisés, diante das autoridades e da comunidade, deu-lhes a propriedade que era a herança do pai. Temos, a partir disso, a vitória das mulheres diante da prepotência masculina patriarcalista.

Salmos 111-112: Os dois salmos gêmeos, acrósticos alfabéticos, à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica, escrito por Waldercir Gonzaga, Doaldo Ferreira Belém e Antonio Marcos dos Santos, afirmam que os Sl 111-112 são realmente os únicos acrósticos alfabéticos bíblicos em que os 22 membros começam com cada uma das 22 letras do alfabeto hebraico, chamados de acrósticos alfabéticos. Ao analisá-los à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica, o que se pretende é ver como ambos se assemelham nos termos, temas e teologia. Se cada membro dos Sl 111-112 pode e deve ser analisado em si mesmo, não é possível separá-los. Enquanto o Sl 111 é teológico, com YHWH dominando o cenário, o Sl 112 é antropológico, com o homem feliz e bom dominando o cenário. O que se aplica a Deus, no Sl 111, aplica-se ao homem no Sl 112.

Valmor da Silva e José Geraldo de Gouveia apresentam *A doutrina diabólica da retribuição e a teologia da graça de Jesus no episódio das tentações*. O artigo compara duas hermenêuticas distintas: a do diabo, baseada na doutrina da retribuição, e a de Jesus, fundamentada na teologia da graça. A análise é feita sobre o episódio narrado por Mateus (Mt 4,1-11), considerando as diferenças apresentadas por Lucas (Lc 4,1-13). Considera-se o gênero do relato como um *midrash haggádico*, isto é, uma narrativa para instruir, em torno de textos do Antigo Testamento, especificamente do Deuteronômio (Dt 6-8), com suas referências aos episódios do Êxodo. Nesse sentido, a narrativa das tentações se apresenta como um debate entre um protagonista e um antagonista, como uma espécie de disputa entre dois rabinos, confrontando textos da Escritura. Nas três provocações do diabo, ele demonstra conhecer a Bíblia através de citações textuais e de interpretações bem fundamentadas. Porém, sua fundamentação hermenêutica é a da retribuição, segundo a qual, sendo Jesus Filho de Deus, o Pai teria obrigação de compensá-lo com prazer, poder e riqueza. Jesus, em suas

respostas, interpreta a filiação messiânica como fidelidade à proposta do Pai, assumindo o caminho da cruz, na perseverança ao serviço constante.

Em *Do apóstolo Pedro à missão do papa: encontros e desencontros à luz da perícope de Mt 16,13-20*, Ney de Souza e Tiago Cosmo da S. Dias se propõem a analisar um dos principais fundamentos bíblicos da missão do Papa no intuito de verificar se é possível constatar que, historicamente, pode-se falar de um primado do apóstolo Pedro sobre as demais igrejas, bem como entender se esta fundamentação bíblica hoje pode ser tida como palavra definitiva e imutável para a questão do primado e, até, da infalibilidade papal, a partir da expressão “ligar e desligar”. O artigo se desenvolve em três momentos distintos: primeiro, fazendo uma análise da figura de Pedro no Novo Testamento; depois, propondo uma análise da perícope em questão para, no fim, refletir sobre o paralelo que há entre a Igreja de Roma e Pedro.

Paulo Sérgio de Proença apresenta o instigante artigo *Mulheres, liturgia e paz em 1 Coríntios 14,26-40*, propondo que a paz está associada a um contexto litúrgico na parte final de 1Coríntios 14. Gerada em meio a cânticos e orações, ela nasce dentro de nossos templos e de nossas comunidades. Ela fertiliza consciências e as motiva ao compromisso com a não violência. A partir de breves considerações exegéticas, observa-se diversos elementos que emolduram o texto, sobre o qual são projetadas possibilidades motivadoras de atualização, no que concerne à urgência da emergência de uma consciência de paz em nossas celebrações litúrgicas. A paz proposta é inclusiva e surge da tensão que diz respeito à fala, ou melhor, ao poder falar.

A homilética quaresmal a partir de Ambrósio de Milão: algumas contribuições bíblico-eucológicas, de André Luiz Benedito e José Aguiar Nobre, tem como objetivo verificar algumas contribuições da pregação ambrosiana para a homilética quaresmal. Discorre-se acerca do tempo quaresmal na época de

Ambrósio, bispo de Milão, em que se focaliza dois aspectos da catequese ambrosiana: o ensino moral, sobretudo em relação ao patriarca Abraão, e a prática do jejum. A partir desses dados, indaga-se: Qual a contribuição da pregação ambrosiana na preparação da homilia à luz do Lecionário e do Missal no tempo da Quaresma? Os resultados esperados apontam que, com o auxílio da catequese de Ambrósio, o pregador demonstra que a Palavra e a Eucaristia constituem o alimento do batizado durante sua jornada rumo às celebrações das festas pascais.

Frankl e o livro dos Salmos: diálogos com o logos, de Douglas de Oliveira Machado e Thiago Antonio Avellar de Aquino, objetiva compreender a importância do livro de Salmos na vida e na obra de Viktor Frankl. Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura das principais obras do autor. Pôde-se constatar várias referências aos salmos, tanto no âmbito teórico quanto biográfico, o que provavelmente constituiu uma fonte de inspiração para a intuição do *Logos* na existência. De forma geral, constatou-se três concepções acerca do transcendente: Deus silente, Deus presente e Deus libertador, o que possivelmente teria sido inspirado a partir da leitura do saltério. Concluiu-se que os Salmos poderiam catalisar descobertas de novos sentidos capaz de dar sentido ao sofrimento, à dor, ao júbilo e à libertação.

Oswaldo Luiz Ribeiro em *Bíblia e Dogmática na pré-história da Teologia Bíblica: observações críticas a partir de Gerhard Franz Hasel*, apresenta uma avaliação crítica da leitura que o teólogo do Antigo Testamento, Gehard Franz Hasel, faz da pré-história da Teologia Bíblica. O objetivo do artigo é, de um lado, apresentar observações críticas a respeito da descrição histórica desse processo que Hasel adequadamente faz, e, de outro, apresentar propostas de explicações também históricas para cada uma das etapas descritas pelo citado teólogo do Antigo Testamento. O período da pré-história da Teologia Bíblica ilustra de modo

exemplar a situação em que a Teologia Bíblica se encontra no conjunto das aproximações ao Antigo Testamento: de um lado, nos espaços acadêmicos, é tratada cada vez mais radicalmente como uma disciplina histórica, independente da Dogmática cristã, enquanto, de outro, nos ambiente controlados pela política eclesiástica, é mantida vinculada à Dogmática e a serviço desta; assim, pode-se dizer que o conjunto de igrejas herdeiras da Reforma de modo mais ou menos geral nunca saiu da pré-história da Teologia Bíblica.

Boa leitura a todos e todas!

LUIZ ALEXANDRE SOLANO ROSSI ¹

LUIZ JOSÉ DIETRICH ²

WALDIR SOUZA ³

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutor em Ciências da Religião, e-mail: luiz.rossi@pucpr.br

² Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutor em Ciências da Religião, e-mail: luiz.dietrich@pucpr.br

³ Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutor em Teologia, e-mail: waldir.souza@pucpr.br